

Apresentação

Laura Fandiño

Universidad Nacional de Córdoba – UNC – Córdoba – Argentina

Phelipe de Lima Cerdeira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ – Rio de Janeiro – Brasil

Rosane Maria Cardoso

Universidade Federal do Rio Grande – FURG – Rio Grande – Brasil



Tal como apontado pela pesquisadora Beatriz Sarlo (2005), a memória é um dever na América Latina pós-ditatorial. No campo da literatura, os autores contemporâneos passaram a utilizar diversas estratégias escriturais – na narrativa, na poesia e no teatro –, tendo como desafio a reflexão sobre um passado traumático perpetrado por regimes autoritários. Elaboram, dessa maneira, discursos sobre a memória que transcendem à história oficial e fazem ressoar as vozes da experiência.

O presente Dossiê, intitulado América Latina: embates, memórias e resistências na literatura contemporânea, deixa em evidência a insistência do discurso literário no Cone Sul do novo milênio em manter vivas ou tirá-las do esquecimento, como resistência, diversas memórias ligadas às experiências traumáticas: as ditaduras no Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile, ademais dos seus efeitos nos corpos individual e coletivo. Os textos que apresentamos configuram uma cartografia que explora poéticas, motivos, símbolos, corpos, afetos, identidades e territórios que contribuem com o debate teórico-crítico da relação memória-literatura no tempo em que a vitalidade das memórias toda vez que, sobre elas, são alçadas as ameaças do silenciar e do esquecimento obrigados.

Somos, portanto, conscientes de que a violência política tem deixado vestígios traumáticos e ainda atuantes em todos os países da região, como é possível vislumbrar a partir da produção literária abordada neste número da Revista Signo. Para tanto, organizamos a apresentação destacando, primeiramente, os artigos que estudam textualidades brasileiras, as quais trabalham as experiências de fronteiras entre Uruguai, Paraguai e Brasil; em seguida, as que estão circunscritas ao horizonte discursivo argentino; e, por último, as chilenas. Naturalmente, o leitor poderá organizar a sua própria cartografia de leitura, já que é possível estabelecer linhas de continuidades e de divergências entre os estudos dedicados às produções literárias de cada país.

Ao longo das últimas duas décadas, a literatura contemporânea tem tomado o conceito de arquivo como estratégia para exumar os fantasmas do passado e, ao mesmo tempo, assinalar como cada um de nós pode se transformar neste repositório da voz dos vencidos, um horizonte outro para que as memórias se entrecruzem, encontrando na ficção um espaço para recontar. Em “O baú e a chave da memória em Paraíso-Paraguay, de Marcelo Labes”, os significantes baú e chave recebem atenção especial, escapando do território puramente metafórico – elementos que estavam bem guardados por uma matriarca que viveu a zona nebulosa da confusão pela senilidade –, para se transformar em insights de uma narrativa repleto de vazios, que precisam ser preenchidos. Moura Prass et al. convidam os leitores a conhecer a história de uma família radicada no estado de Santa Catarina. Ao tomarem como fundamentação teórica as problematizações não apenas advindas dos

estudos literários, mas também a partir do diálogo de disciplinas como a Psicanálise, os pesquisadores propõem uma leitura que valoriza como as memórias, a partir do tecido ficcional, convertem-se em elementos para as discussões sobre o apagamento do outro e de uma experiência coletiva que inicia no outro lado do oceano, mas que encontram no Brasil, no Paraguai, novos fios, hipóteses e silêncios.

Os silêncios são justamente o eixo central retomado por Dênis Moura de Quadros, no artigo “Relendo cicatrizes, recolhendo rastros: memória fraturada em três narrativas de João Carlos Deodé”. A partir do cotejo das narrativas “Yemanjá quer falar contigo”, “O que Yemanjá queria falar comigo” e “A tanga do Gabeira”, o pesquisador retoma os traumas e as chagas – ainda vivas – das pessoas que sofreram a perseguição do estado brasileiro a partir de 1964, durante a última ditadura cívico-militar. Ao destacar o passado fraturado, o território da ficção também se transforma em um marco de resistência, um espaço para a discussão de um estado que proibia a circulação não apenas das ideias, mas também da fé dos sujeitos: a questão, por isso, revela-se segundo o recorte religioso-racial. Ao tomar como fundamentação teórica distintas problematizações que se referem às discussões da memória, tais como o trauma e a liberdade ao culto da fé das matrizes africanas, a leitura oferece uma relevante contribuição para se refletir sobre as narrativas afro-gaúchas.

As memórias e os testemunhos da comunidade afro-brasileira chamam a atenção e nos permitem tomar a obra de Carolina Maria de Jesus a partir de uma perspectiva outra. Em “A cartografia e a visibilidade poética dos afetos: “Favela” de Bitita”, o pesquisador Gabriel Henrique Camilo propõe uma discussão sobre a resistência e a expressão escritural da autora brasileira, destacando eixos centrais, como o testemunho e as escritas do eu, mediante o cotejo com a contribuição teórica das “escrivivências” de Conceição Evaristo. De forma ponderada, destacou-se o cuidado de Carolina de Jesus ao fazer dos seus diários não apenas um processo de construção e de reconhecimento identitário, mas uma proposta de elaboração narrativa a partir das memórias que se fazem também enquanto instâncias coletivas.

Não estar ou tampouco pertencer somente a um dos lados do rio – este sentimento de fronteira que atravessa a muitos de nós – é o eixo temático de “Poéticas fronteiriças latino-americanas em Fabián Severo e Raquel Senties”. Assinada por Ana Carolina Martins dos Santos, a leitura toma a discussão da memória para propor uma análise crítica a partir das diferentes experiências de fronteira plasmadas nos textos *Noite no Norte: Poemas em Português*, de Fabián Severo, e *The Ones Santa Ana Sold*, de Raquel Valle Senties. O interesse pela lírica e por diferentes eu poéticos dos autores nos conduz à reflexão sobre as ideias de infância e também de território.

A recuperação da infância na ditadura é um tema relevante na produção narrativa de filhos e filhas de militantes argentinos da década de 1970. Nesse sentido, Andrea Cobas Carral, em seu artigo “Entre las armas y las letras: niñez y militancia en Pequeños combatientes de Raquel Robles”, analisa a reconfiguração da memória por meio da construção de uma narradora-menina que, no relato da passagem da infância até adolescência, vai tomando consciência do desaparecimento dos pais. A autora enaltece como, no romance autobiográfico de Robles, a leitura e a escrita se fazem “como prácticas que permiten a la niña asimilar la desaparición de los padres y la desarticulación del orden familiar”.

O artigo de Mateo Green, “Autodestrucción, sacrificio y comunidad en Romance de la negra rubia (2014), de Gabriela Cabezón Cámara”, dialoga com uma tradição de pensadores – Albert Camus, George Bataille, Michel Foucault, Roberto Esposito – para focar a análise no périplo da protagonista da novela, cujo corpo sacrificado se insere em um processo político de resistência radical à violência estatal. A situação do corpo que se queima “a lo bonzo” para evitar um desalojamento massivo em um edifício na cidade de Buenos Aires, integra-se a um processo ligado ao projeto econômico neoliberal iniciado durante a última ditadura no país, agravado durante a

década de noventa e instalado definitivamente no começo deste século. As reflexões do autor revisam o ato autodestrutivo da protagonista como “sacrifício fundante”, que propicia formas comunitárias de resistência e memória coletiva no contexto de políticas que, a partir da ditadura, buscaram a desintegração dos laços políticos e sociais.

Em “Sensini. Narrar el horror: el arte de Bolaño”, Araya Chandia propõe uma leitura do relato do autor chileno, ponderando como este “se mueve por una tensión ética que transcurre desde el plano anecdótico metaliterario al político”, projetando uma crítica “del sistema aniquilador”. A leitura toma dois eixos específicos: o ofício do escritor latino-americano e o trauma pelo filho preso-desaparecido de Sensini – representação do que ocorreu com o escritor argentino Antonio Di Benedetto. A autora postula que “Sensini es una crítica al oficio de escritor afectado por las condiciones que impone el sistema del mercado global al mismo tiempo que como objeto de arte es un medio capaz de resistir la adversidad como también el olvido del trauma de la violencia de Estado, restituyéndole de esta manera el carácter ético y estético que le compete a la creación literaria latinoamericana”.

Fernandes de Miranda, em “Sobrevivências militantes em Jamais o Fogo Nunca de Diamela Eltit”, propõe uma leitura do romance da escritora chilena que se sustenta na intervenção a partir da interrupção ou desvio que o texto realiza no contexto chileno pós-ditatorial, caracterizado pelo discurso do consenso. A autora detém-se em uma detalhada análise dos corpos e da subjetividade militante, destacando os modos em que o romance repõe e trabalha a língua revolucionária das organizações de esquerda durante a ditadura para além da épica. Exploram-se, ainda, as diversas encarnações do cuidado para argumentar que Jamais o Fogo Nunca elabora uma revisita ao passado da militância clandestina sob uma perspectiva feminista, que escapa à negociação desta memória, ao mesmo tempo em que articula a proposta estética de Eltit com a recente eclosão social chilena de 2019.

Por último, em “Lembrar para revistar: perspectivas feministas de la última dictadura chilena em Para que no me olvides de Marcela Serrano”, Isis Milreu detem-se na produção literária de escritoras que abordam a temática ditatorial no Chile, concentrando-se na figura de Marcelo Serrano e, especificamente, no romance Para que no me olvides, que dialoga com o processo de abertura democrática no país. A pesquisadora realiza uma análise que sublinha as diferentes experiências, perspectivas e atitudes das personagens femininas diante do terror de Estado que acaba envolvendo a sua vida. Milreu relembra como “a leitura de obras literárias de temática ditatorial escritas por mulheres latino-americanas é um caminho produtivo para exercer o nosso dever de memória, contribuindo para que as violações de direitos humanos não sejam esquecidas e, quiçá, não se repitam, bem como para ampliar nossas percepções desses acontecimentos atroz”.

Para finalizar, como organizadores deste dossiê, gostaríamos de utilizar essas últimas linhas como uma espécie de chamado, uma experiência de rememoração de cada um dos leitores, convidando a todas, todos e todes para que pensem nestas leituras não apenas sob o prisma das distintas experiências que narram, mas como matéria disparadora para recontar as suas memórias e, quiçá, as suas perspectivas para se pensar o tecido literário e as suas futuras pesquisas. Estes passados vivos – que seguem pulsando e nos ajudando a refletir os presentes e ressignificar nossos futuros –, permitem que estejamos continuamente atentos para que certos fatos históricos não se repitam. Nunca mais.

Desejamos uma boa leitura.

Laura Fandiño (UNC – Universidad Nacional de Córdoba)

Phelipe de Lima Cerdeira (UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Rosane Maria Cardoso (UFRG – Universidade Federal do Rio Grande)